

expiração, o sopro, etc. Não só criei desenhos que representavam cada um destes acontecimentos, como também adicionei uma ficha de leitura com os elementos físico-químicos que o constituam e as percentagens que cada um continha (fig. 66). Os mapas organizam-se numa fila horizontal, e ao lado destes encontra-se uma ventoinha que gira constantemente.

Na mesma parede, ao lado desta máquina, segue-se então a “máquina da terra” (fig. 67). Esta apesar de ter o tampo da mesa coberto de terra, como as outras, apresenta mais três quadrados ou esboços de quadrados que são blocos de terra com outros tipos de pigmentação (produzidos a partir de uma mistura com óxido de ferro). Estes estão ligados entre si por fios de cobre como se conduzissem eletricidade entre si, até se ligarem (por fios de cobre também) a um frasco que contém um resquício de um mapa antigo. Do outro lado da mesa, encontram-se quatro frascos de farmácia onde estão impressos números de medidas em milímetros, e que metaforicamente medem a terra contida dentro dos frascos. A parte electrónica desta máquina encontra-se numa pequena placa electrónica que fiz influenciada pelo protótipo de um instrumento musical chamado de “kraakdoos” inventado pelos compositores Michel Waisvisz e Geert Hamelberg. Este pequeno instrumento é composto por alguns fios electrónicos que produzem sons estranhos de forma autónoma. A um dos fios, soldei um aparelho mecânico inutilizável, que se vai ligar por um conjunto de fios metálicos a um dos blocos de terra. No mundo fictício desta máquina, esta parte eletrônica está a enviar informações ao bloco de terra de pigmentação mais amarelada, que estando ligado aos outros blocos (um deles com uma cor mais acastanhada e outro mais avermelhado), vai passando esta informação até chegar ao mapa que está colocado dentro do frasco de vidro. Contudo, é neste aparelho mecânico que saem os fios electrónicos que se vão ligar aos mapas, tal como nas outras máquinas. Estes são os mesmos mapas que criei no Rio de Janeiro inspirando-me nas fotografias que realizei a partir dos padrões formados pelas árvores do Jardim Botânico³⁴, e que acabei por desenvolver mais já em território português (fig. 68). Estes encontram-se em filas verticais e horizontais e são metáforas daquilo que aquela máquina produz a partir da terra. Enquanto que na mesa é a matéria orgânica que está exposta, esta, quando entra dentro deste mundo imaginário, organiza-se e começa a formar territórios e fronteiras,

³⁴ (ver capítulo Jardim Botânico – Corpo sem Órgãos)